
POR UMA REDE QUE ATRAVESSE OS TEMPOS E QUE DÊ À PRODUÇÃO LÉSBICA A NOÇÃO DE CONTINUIDADE: ENTREVISTA COM NATALIA BORGES POLESSO

Claudiana Gois dos Santos¹

Carolina Hartfiel Barroso²

Natalia Borges Polesso é uma das escritoras de maior destaque nacional nos últimos anos. Após a grande repercussão de seu livro de contos *Amora* (2015), premiado em primeiro lugar na categoria contos e crônicas no Prêmio Jabuti (2016) e levando os prêmios Escolha do Leitor (Jabuti) e melhor narrativa curta pela Associação Gaúcha de Escritores do mesmo ano, *Amora* segue a trajetória iniciada pelo livro anterior de Natalia, *Recortes para álbum de fotografias sem gente*, publicado em 2013 e ganhador do Prêmio Açorianos do mesmo ano. A escritora também integra a lista *Bogotá 39-2017*, uma reunião dos 39 melhores escritores de ficção da América Latina com menos de 40 anos, e teve sua obra traduzida para o espanhol e o inglês em diversos países.

Essa premiada trajetória aumenta a visibilidade para suas narrativas e personagens majoritariamente lésbicas. Na entrevista que veremos a seguir, a escritora e pesquisadora de pós-doutorado na Universidade de Caxias do Sul, nos fala um pouco sobre as convergências entre sua pesquisa e sua escrita, o que se pode entender como “literatura lésbica”, tendo em vista o texto publicado no Dossiê Sáfico Nº20 da revista *Criação e Crítica*, “Geografias lésbicas: literatura e gênero”. Aqui, buscamos entender o que a escritora e pesquisadora Natalia Polesso entende por “literatura lésbica”, como a discute, como entende a geografia como instrumento para análise literária, e como pensa a crítica literária lésbica.

1 Doutoranda em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa - USP

2 Graduanda em Português-Espanhol e pesquisadora de Literatura Lésbica - USP



Revista Crioula: É anacrônico usar a palavra “lésbica” para pensar textos literários/personagens literárias anteriores ao sentido que damos hoje à palavra lésbica? (Lésbica com o sentido de homossexual feminina é de 1870-1890)

Natalia Borges Polesso: Não creio, digo, para o trabalho que faço, não. Ainda mais pensando em Safo de Lesbos, o ponto fundante da cartografia que traço na pesquisa, que viveu entre os séculos V e IV a.C. e que traz em seu nome uma marca geográfica (a ilha de Lesbos). Mesmo que o termo empregado para se referir à homossexualidade feminina seja datado de 1870-1890, como está na pergunta (o que eu não sabia), penso que a utilização de certos termos precisa sempre vir junto de uma reflexão que se deve empreender em cada pesquisa. Penso que, como pesquisadoras, precisamos dar sentido às nossas narrativas teóricas, dar complexidade ao debate.

Revista Crioula: Há diferenças metodológicas entre usar lésbica, ou tribade, ou invertida, ou safista, para pensar textos mais antigos? Quais diferenças metodológicas podem ser usadas para esses termos?

Natalia Borges Polesso Não sei se entendi a pergunta. Qual poderia ser a diferença metodológica? Em que sentido? Na escolha dos textos onde os termos aparecem? Porque no momento em que se escolhe um termo para uso, acho que o apropriado é desenvolver o debate sobre essa escolha, de acordo com o aporte teórico e com o corpus da pesquisa. Essas questões não são relevantes no meu trabalho. Neste momento estou utilizando ~~lésbica~~ dessa forma, com uma rasura. Não é nada novo, mas é um recurso estético para alertar sobre o que o nome carrega e sobre seus apagamentos e rasuras. Eu não sei dizer sobre diferenças *metodológicas* do uso de tribade, invertida e safista, ou mesmo sapatão, machorra, fancha, etc. Mas entendo que cada uma dessas denominações precisa vir acompanhada de uma discussão que dê sentido à escolha. No mais, minha perspectiva é via geografia, via espaço. Então esta divisão, pensada para textos antigos ou não, não vem ao caso, não é algo que tenha peso ou importância na pesquisa que conduzo.

Revista Creoula: É possível usar a palavra lésbica para ler esses textos, sem apagar especificidades dessas outras experiências?

Natalia Borges Polesso: Tenho pensado muito nisso. Como disse, tenho usado ~~lésbica~~, mas ressalto:

não é o uso da palavra ou de uma rasura que vai fazer diferença e sim o debate que se propõe em torno das escolhas teórico-conceituais e também estéticas. Por exemplo, as Geografias lésbicas que proponho têm dois momentos na pesquisa. O primeiro está mais ligado à geografia literária, que se ocupa em marcar sobre um mapa virtual o local de nascimento de autoras mulheres que se identificam como lésbicas, bissexuais, transexuais ou cuíer e o local das editoras pelas quais as obras saíram. Ou seja, são dois mapas. Não há caráter cronológico para estes, muito embora eu faça uma distinção entre as que escrevem no momento e as que já faleceram, e a abrangência realmente depende de onde estão essas mulheres e obras. O segundo momento da pesquisa está mais ligado à geocrítica, que vai realmente analisar o espaço na obra e como ele é criado, recriado, reivindicado, ocupado, descrito, abandonado, etc. É dessa forma que vou pensar as especificidades e experiências, via espaço, via geografia, conceitos que estão continuamente atravessados por relações culturais, econômicas, políticas, de gênero, de raça, etnia, etc. Logo, o termo ~~lésbica~~, que utilizo rasurado, vem sempre impregnado desses debates interseccionais, no que tange à geografia literária e à geocrítica. Na primeira, porque há os dados da biografia das autoras bem como de sua obra no mundo (alguns elementos da recepção e do mercado do livro entram em cena); e, última, porque vai dar foco às relações ficcionais ou poéticas nos espaços que criam, recriam, reivindicam, ocupam, descrevem, abandonam, etc. Então, é possível escolher um termo, seja ele qual for, e expor no debate, os seus pontos cegos, suas impossibilidades e articulá-lo nas nossas discussões teóricas. Não se pode pensar um termo isoladamente, se assim for, é evidente que ele não dá conta de diversidade, interseccionalidade, especificidade, experiências.

Revista Crioula: É possível dizer que uma autora lésbica pode adotar um olhar masculino fetichista? Seria a Cassandra Rios um exemplo disso?

Natalia Borges Polesso: Essa pergunta tem uma implicação negativa? Digo, se uma autora lésbica quiser conscientemente adotar um olhar masculino fetichista em sua construção ficcional, no desenvolvimento de uma personagem, narradora ou trama, isso necessariamente não é bom? Eu acho que depende muito de como olhamos a literatura e a produção da literatura. Não me importo com essas características desde que tenham um propósito estético, um propósito que venha de um trabalho consciente, refletido. Talvez esse tipo de prosa ou poética não me agrada, talvez sim. Não sei dizer. Não dá pra dizer que autoras lésbicas tenham uma prosa ou uma poética homogênea, então, acho que sim, é possível que adotem uma multitude de olhares que podem variar dos mais libertários aos mais conservadores, dos mais classistas aos mais conscientes quanto à classe. Sobre a Cassandra, eu não sou grande conhecedora de Cassandra Rios, que tem uma obra imensa e difícil de classificar. Tenho algumas obras (em torno de 10, algumas raras), mas li menos do que tenho. Prefiro entendê-la como

fenômeno complexo, escritora de produção prolífica, vasta (creio que seja algo em torno de 40 livros) e longeva (estudou em 1948 e suas edições continuaram até os anos 2000 e poucos), pode-se dizer. Das coisas que li dela, percebo que são bastante diferentes entre si. Acho que mesmo se pensarmos a Cassandra por um viés feminista lésbico, podemos dizer que, considerando sua época e considerando que escreveu durante a ditadura e a censura, há um caráter revolucionário em sua produção, especialmente na erótica. Para mim, que penso a literatura via espaço, há ali uma enorme ocupação da cidade, a reivindicação de lugares inóspitos. Se pensarmos em sua recepção, há algo de muito curioso, porque ela realmente foi um sucesso de vendas! Um milhão de cópias vendidas não é para qualquer um/a! Se pensarmos em uma prosa engajada, no que entendemos hoje por engajamento, nos moldes do debate atual, sim, ela fica absolutamente datada e muitas críticas podem ser feitas, mas é isso, tudo depende do recorte.

Revista Crioula: Homens que escrevem textos com protagonistas lésbicas podem compor o cânone lésbico?

Natalia Borges Polesso: Eu não acredito da ideia de cânone. Ela não faz sentido pra mim. No momento em que tivermos um cânone lésbico, acho que erramos feio na construção das nossas aprendizagens e discussões teóricas. No que tange ao processo de escrita, desde nossas primeiras escolhas, penso que todos são livres para escrever sobre qualquer assunto e penso que a literatura é um campo criativo imenso que nos permite exercícios de deslocamento, de alteridade, e este é justamente um dos pontos onde sua beleza reside. Então, o que importa de verdade é como essa pessoa, seja homem ou mulher, ou extraterrestre, vai exercitar esse deslocamento narrativo. Dentro dos critérios que elenquei para a minha pesquisa, não considero os escritos de homens (cis ou trans), nem de mulheres heterossexuais. Mas são os critérios do meu recorte, dos parâmetros que criei para esta pesquisa específica. Eu trabalho com autoria de mulheres lésbicas, bissexuais, transexuais e queer (e mesmo o termo mulher já é bem debatível, Sojourner Truth e Monique Wittig que o digam). Laura Arnés, em *Ficciones lesbianas* (2015), traça uma trajetória das representações lésbicas na literatura argentina. Seu trabalho tem caráter cronológico e talvez “evolutivo”, por assim dizer, das imagens. Ela considera as ficções escritas por homens, porque, dentro do que ela se propôs, faz sentido que isso apareça. Então tudo depende mesmo do recorte, não há uma resposta fixa. Mas reforço que tem que acabar a ideia de cânone, que de forma alguma é isenta



Revista Crioula: O que aproxima as diferentes expressões de lesbianidades que podem ser tão diversas a depender do espaço e do tempo?

Natalia Borges Polesso: Creio que seja primeiramente essa fuga ou, em alguns casos, esse enfrentamento às heteronormatividades, aos sistemas de reprodução normativos de família e de economia produtiva (em vários níveis). Depois as infinitas opressões, que, obviamente, nos atingem de maneiras distintas, considerando questões de interseccionalidade. Acho que uma coisa que venho tentando fazer é não cair em universalismos. Isso é o mais importante pra mim, por isso escolhi falar de existências lésbicas via espacialidade. Se considerarmos sempre os campos de tensão que essas existências ficcionais ou autorais atravessam e/ou criam sempre poderemos considerar suas individualidades e o que compartilham ou não em cada caso.

Revista Crioula: Você já conseguiu, através da sua pesquisa, perceber variações espaciais ou temporais na representação e na representatividade lésbica?

Natalia Borges Polesso: Não cheguei à parte geocrítica da pesquisa ainda, então, formalmente, ainda não. Mas sim, essa hipótese de que há muitas variações a depender de a onde e quando surgem esses escritos vai se desenhando no horizonte da pesquisa. Dentro da primeira parte da pesquisa, algo que se pode afirmar é que desde 2016, as produções literárias de mulheres LGBTQ aumentaram consideravelmente.

Revista Crioula: No caso brasileiro, como o uso do termo lésbica com sentido “universal” pode ser uma prática colonial?

Natalia Borges Polesso: Não só no caso brasileiro, mas talvez em toda a América Latina, na verdade em todo os países do sul global. Por isso é preciso sempre debater as escolhas e deixar o mais evidente possível que não se trata de unificar, não se trata de criar um discurso que se pretenda universal. Se trata de desenvolver ferramentas metodológicas para discussões teóricas mais consistentes e mais condizentes às nossas produções.

Revista Crioula: Pensando no cenário literário brasileiro podemos pensar na emergência de

autoria e de personagens lésbicas como um fenômeno que tende a se estabelecer e ganhar mais espaço?

Natalia Borges Polesso: Não sei dizer. O Brasil de 2019 é um país muito triste. Eu acho e espero que sim. Mas é preciso lembrar que, embora a produção tenha sim aumentado, autoria lésbica sempre esteve aí. Há que se fazer também algum trabalho de resgate, criar uma rede que atravesse os tempos e que nos dê uma noção de continuidade.

Revista Crioula: Existe no Brasil uma “crítica literária lésbica”? Qual a sua função?

Natalia Borges Polesso: Acho que não. Existe muita pesquisa no campo da teoria sobre as produções, sobre a representação. Mas não acho que há uma crítica literária lésbica e também eu não saberia dizer a sua função. Por enquanto, estamos nos elogiando e vendo as coisas boas dessas produções, o que julgo necessário para a suas legitimações no campo. Mas crítica crítica, creio que não temos ainda. No entanto, particularmente, creio que as produções de autoria LGBTQ+ devem estar presentes e cada vez mais presentes na crítica de modo geral. E que possamos também organizar ferramentas para fazer crítica desde nossos pontos de vista, visando estéticas que nos interessem.

